

A IGNORÂNCIA DO CIÚME: QUANDO A CERTEZA FAZ DUVIDAR A ALMA

Rariela Valeska da Silva Salustino¹ (UFPB/PPGL)
Hermano de França Rodrigues²(UFPB/PPGL)

Resumo: Todos em algum momento experimentaram os ciúmes. Trata-se de um sentimento que está presente nas relações sociais de um modo geral, todavia, o ciúme proveniente da relação entre casais, sejam namorados, sejam casados, é uma ocorrência clínica cada vez mais comum na psicanálise. No conflito ciúmes-infidelidade subjazem motivações intrapsíquicas ligadas ao temor da perda do objeto, relações de poder e satisfações narcísicas. A falsa ideia de posse do outro, quando contrariada, pode transtornar o indivíduo e causar danos imensuráveis. La fin de la jalousie - "O fim do ciúme" é considerado a mais profunda novela que compõe a coletânea "Les Plaisirs et les jours" - Os Prazeres e os Dias que foi publicado em 1896, assinalando a estreia literária de Marcel Proust (1871-1922). Apaixonado pela bela Françoise, Honoré de Tenvres é constantemente movido por esse amor incrível, até o dia em que durante uma conversa um amigo coloca à prova a reputação de Françoise, afirmando saber que ela tem a fama de ser uma mulher fácil, logo, desponta o ciúme juntamente com o sentimento de que a amada poderia ter-lhe sido infiel. A partir desta declaração a crença na possível traição irá atormentá-lo, tornando-o completamente dominado por tal sentimento. A história da ligação amorosa entre Honoré e Françoise trata, sobretudo, do ciúme masculino vivido no tumulto da capital francesa. A relação é exclusivista e egocêntrica da parte do narrador. Ao longo da narrativa, Honoré cada vez mais se convence de que o amor, como todo sentimento, degrada-se com o passar do tempo. Inicia-se um fluxo fantasioso e corrosivo, sobrevivendo a insegurança e o medo do abandono. Após um acidente, Honoré se dá conta de que tanto a vida quanto os planos que fizera com Françoise fazem parte de um tempo já desaparecido e, mediante uma série de ocorrências ambíguas sensação/lembração e diante da morte, vê-se obrigado a estancar o seu sentimento de ciúme e inicia-se a luta do espírito, da fantasia criadora, contra o tempo, diante da impossibilidade de encontrar na vida o ponto no qual possa se prender. Este artigo procura sinalizar as interferências dos ciúmes na experiência afetiva dos protagonistas, numa articulação com os postulados psicanalíticos desenvolvidos por Sigmund Freud, Melanie Klein, Marcianne Bleviss e Frank Pittman.

Palavras-chave: Psicanálise; literatura; ciúmes.

“É espantoso como o ciúme, que passa o tempo a fazer pequenas suposições em falso, tem pouca imaginação quando se trata de descobrir a verdade.” (Marcel Proust)

Introdução

O ciúme faz parte da vida. É um afeto que acompanha o ser humano em suas relações interpessoais desde a expulsão do onírico paraíso materno, seja em amor ou amizade, de maneira desapegada ou justificada. Ele pode ser um estorvo afetivo quando

¹ Graduada em Letras/ Vernáculos pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Mestranda do programa de pós-graduação em letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail para contato: <rarielasalustino@outlook.com>.

² Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Orientador do presente trabalho. E-mail para contato: <hermanorg@gmail.com>.

o sujeito acometido por tal sentimento sofre dificuldades de enxergar o par como igual possuidor de suas próprias faltas, desejos e buscas. O ciúme apenas está ocasionalmente aliado às desconfianças que envolvem, de fato, atitudes, palavras e experiências com o outro, consistindo muito mais em introjeções psicossomáticas, envolvendo vulnerabilidades estruturais do próprio indivíduo acometido pelo sentimento. Decorrentes de episódios que possam ter abalado ou incapacitado o desenvolvimento de autoestima ao longo de seu crescimento, esse quadro de fragilidade e necessidade de posse conduz o ciumento a compactuar com o real incandescente da fantasia delirante.

No âmbito amoroso, geralmente, o ciúme é revelado por meio da disposição de pensamentos irracionais, distorcidos, acompanhados de ansiedade e suspeitas relativas ao par. Em situações que o ciumento está em descontrole produz momentos de vulnerabilidade e temor, levando ao desejo exacerbado de obter o domínio sobre as condutas do objeto estimado; aspirando incessantemente estabelecer um ideal de segurança através da mitigação do medo irracional da perda. É difícil prever os riscos do ciúme amoroso se tornar cego e descontrolado, podendo, o par do enciumado sofrer sérias consequências físicas, psicológicas e emocionais pelo simples fato do outro imaginar convicto de que seu amado decolará com um terceiro.

Em um dizer bastante conhecido, Santo Agostinho³ (354-430) aponta que “*Quem não sente ciúme é porque não ama*”, e a célebre máxima acaba prestando um legítimo alibi aos ciumentos, ainda que o argumento referencie a noção de zelo, remetendo à etimologia do vocábulo provido do grego⁴. Tivesse o clérigo podido lançar um olhar aos riscos, ou ainda, por ventura, alertar os enciumados da capacidade absolutamente ilimitada e potencialmente violenta de tal sentimento, não lhe teria escapado a patente constatação de que “*O ciúme intenso, na ausência de desonestidade ou infidelidade real, pode indicar todo tipo de coisas, mas o amor está bem no final da lista.*”⁵

O ciúme delirante está atrelado à ilegitimidade especulativa; e o ciumento experimenta dificuldades em aceitar que o seu sentimento pode ser destrutivo para os outros e para a relação, geralmente o percebendo como prova ou demonstração de amor.

³ Padre e filósofo mais influente no construto dos preceitos fundamentais do cristianismo

⁴ Ciúmes provém do grego *zelos* que significa “zelo, ciúme, ardor”, esta palavra também é a etimologia de “zelo”

⁵ FRANK PITTMAN, 1994, p.49

Todavia, “*O empreendimento filosófico de Santo Agostinho é o de articular a filosofia neoplatônica com a fé cristã. O corpo sofre a ação da alma, mas é incapaz de agir sobre ela*”.⁶ Nesse misto, o ciúme do amor mórbido assinala falta de autoconfiança e peremptoriamente encarcera o outro encerrando sua liberdade, ameaça os acordos vinculares, ofertando danos e prejuízos aos pares afetivos da relação.

Em nosso exame, deter-nos-emos ao nível mais elevado do ciúme, no qual, aparentemente, estima-se ser único e legítimo beneficiário do amor de seu par. O ciúme que iremos abordar não necessita de uma atitude concreta do outro para surgir; não se trata de ciúmes entre irmãos cujos pais expressam uma aparente preferência dentre os filhos; tampouco de um dos membros da parilha que está suspeitando da existência de uma infidelidade, ou eventualmente uma traição confirmada. “O ciúme que corrói” será (em nosso recorte) os originalmente imaginários, que causam sofrimentos oriundos do temor da perda do ser idealizado; uma relação que seria sombreada pela constante aparição de um terceiro que interage, ainda que por casualidade, com qualquer pessoa/objeto que o enciumado eleja como par. O ciúme *delirante* se manifesta em diferentes faces para cada indivíduo e situação, através da aparente e absurda reivindicação de um todo primordial, irretocável, perfeito e inatingível; no qual não existia a percepção nítida entre *eu e não-eu*, negando que o objeto tenha escapado de maneira definitiva do seu raio de tutela.

O ciúme e as ligações narrativas

“O ciúme é muitas vezes uma inquieta necessidade de tirania aplicada às coisas do amor.” (Marcel Proust)

Diversos terrenos se ocuparam dos ciúmes, todavia, é antes, a literatura e a psicanálise que possuem perícias mais profícuas. Naturalmente, os encantos da mitologia estão repletos de episódios volatizados por tal sentimento, a exemplo, os ultrajantes ciúmes que a deusa *Afodite* sente do fascínio que desperta a beleza esplendorosa de *Psique*⁷.

⁶ Cerqueira Filho, Gisálio, 2005, p.108

⁷ Referente aos quatro trabalhos de psique impostos pela deusa Afrodite.

Os filósofos antigos contemplaram a marca aguda dos ciúmes frente ao amor, tomando como pano de fundo o próprio contexto histórico⁸. No instante em que as ideias parecem estar se organizando nas últimas linhas do preclaro diálogo⁹ platônico acerca de *Eros*; a chegada ruidosa e excessiva de *Alcibíades* surpreende os convivas de *Agatão*. Assim, logo na entrada *Alcibíades* é acometido por um sentimento, que, ousamos alinhar de ciúmes; reage, com um verdadeiro misto de posse e ansiedade e é tomado por genuína surpresa e desconcerto ao encontrar *Sócrates* ao lado do anfitrião, logo, “*O narcisismo de Alcibíades enreda-o em seus próprios interesses*”.¹⁰ A motivação é reforçada pelo estado ébrio de *Alcibíades*, entretanto, isto não significa certamente que os ciúmes não tenham lhe ultrapassado.

O ciúme sob a égide psicanalítica

Incansável criador de conceitos, Sigmund Freud (1856 - 1939) ávido pelo entrelaçamento entre os campos de saberes (filosofia, ciência e arte), com inegável originalidade, coaduna diversos elementos culturais para forjar os pilares de sua obra, reatualizando, mais de três mil anos, mitos tão caros aos construtos que fundamentaram conceitualmente seu império científico. É factível que Freud apresente o ciúme como primordialmente sexual – relacionando-o ao *complexo de Édipo* clássico. No estudo *Fragmentos da análise de um caso de histeria*¹¹, ainda que a expressão *complexo de Édipo* não apareça formalmente no texto, é nítido o interesse do autor pelas circunstâncias familiares evidenciadas no caso.¹² Em tal estudo, Freud medrou as relações vinculares da paciente *Dora*, apontando, em sua redoma familiar, “*além dela própria, seus pais e um irmão um ano e meio mais velho que ela*”.¹³ A valorização familiar da análise e o enfoque na relação com o progenitor revelaram que “*O pai era a pessoa dominante desse círculo, tanto por sua inteligência e seus traços de caráter como pelas circunstâncias de sua vida, que forneceram o suporte sobre o qual se erigiu a história infantil e patológica da paciente*”.¹⁴ O resultado particular foi a angústia

⁸ O contato sexual entre indivíduos do mesmo gênero era algo corrente na Grécia Antiga, a relação entre membros do sexo masculino, era denominada pederastia.

⁹ *O banquete de Platão*

¹⁰ SCHULER, 2009, p.165

¹¹ FREUD, [1905](1980), p.13

¹² *Caso Dora*

¹³ FREUD, [1905](1980) p.13

¹⁴ *Ibid.*, p.13

fervorosa que visitava a paciente correspondendo às sombras de desejos frustrados situados em tempos desprendidos de seu alcance consciente e objetivo.

A forma que cada pessoa prova o ciúme está fincada num paradigma desenvolvido desde tempos outros, e, por conseguinte, toda a (des)atenção devotada no trajeto afetivo com o primeiro objeto amado coabitará a memória psíquica e se voltará para as lembranças de interesses não exclusivos e não onipotentes que foram investidos de modo insuficiente, hostil ou ofensivo. O “ciúme normal” já é bastante ruim, porque ele provoca “*dor, a dor causada pelo pensamento da perda do objeto amado, e do ferimento narcisista...*”¹⁵ Sendo assim, o comportamento da pessoa com ciúmes é totalmente irracional, isso significa que a pessoa afetada vê o que quer ver, independentemente de haver ou não evidências ou detalhes confirmando suas crenças.

Freud caracteriza em seu estudo de 1922 - “*Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e no homossexualismo*” – três tipos de ciúmes, sob os termos: *competitivo* ou *normal*, *projetado* e *delirante*. Antes de tudo, assinala a liberdade e a legalização deste sentimento afirmando que o ciúme, assim “*como o luto, podem ser designados como normais*”¹⁶, vasto e diversificado com força e expressão que diz respeito a homens e mulheres de todas as idades. Freud destaca que mesmo a camada *normal* do ciúme está longe de compactuar com atitudes racionais, visto que “*é profundamente enraizado no inconsciente, dá continuidade aos primeiros impulsos da afetividade infantil e vem do complexo de Édipo ou do complexo de irmãos do primeiro período sexual*”.¹⁷ Num cenário frágil, a trama oculta e inconsciente perturba o ciumento, fazendo sentir o amor do outro como uma folha seca prestes a ser levada pelo primeiro vento.

Na segunda possibilidade apresentada por Freud, o tipo *projetado* “*deriva, tanto no homem como na mulher, da própria infidelidade realmente praticada ou de impulsos à infidelidade que cederam a repressão.*”¹⁸ O que indica a conclusão de que a fidelidade não está reduzida à sexualidade, logo, ultrapassa-a inapelavelmente. “*A experiência cotidiana mostra que a fidelidade, sobretudo aquela exigida no casamento,*

¹⁵ FREUD, 1922, p. 209

¹⁶ FREUD, 1922, p. 210

¹⁷ Ibid., p.210

¹⁸ Ibid., p.211

é mantida em face de contínuas tentações.”¹⁹ Suspeitar do outro não seria também uma atitude de infidelidade? Projetar na outra pessoa suspeitas inextinguíveis de desejos que estão situados em si mesmo, não seria a mais pura forma de traição? *“Os problemas inerentes à infidelidade são (a) culpa e (b) o ciúme. Se a culpa e o ciúme puderem ser superados, a infidelidade deixará de ser um problema. Infelizmente, a culpa e o ciúme raramente são superados durante o período de uma vida.”*²⁰ O postulado de Pittman²¹ reforça e promove uma aclaração simultânea das duas primeiras camadas ciumentas distinguidas por Freud, reafirmando que o ciúme experimentado na infância tornar-se-á um paradigma nas relações, uma vez que tem a força e o poder de durar até todo *“o período de uma vida”*, por ser um experimento traumático capaz de inscrever *“problemas inerentes à infidelidade”* na estrutura psíquica, diminuindo ou enfatizando certas emoções.

E, finalmente, Freud salienta que o *“mais problemático é o ciúme do terceiro estágio, o verdadeiramente delirante.”*²² Categoria de ciúme que contém um componente erótico acentuado em primeiro plano, Freud sobreleva que *“ele provém de reprimidas inclinações à infidelidade, mas os objetos dessas fantasias são do mesmo sexo do indivíduo”*²³, Os ciúmes *delirantes* são a erupção de fortes desejos homossexuais que, outrora, caíram no domínio da repressão. Mais ainda, *“num caso de delírio de ciúme, devemos estar preparados para encontrar ciúme de todas as três camadas, nunca da terceira somente.”* Freud discorre que os impulsos agressivos do ciúme são experimentados entre os irmãos, os quais competem pela atenção dos cuidadores, logo,

(...) na primeira infância, impulsos de ciúme particularmente fortes oriundos do complexo materno, dirigidos contra rivais, geralmente irmãos mais velhos. Esse ciúme levou a ações bastante hostis e agressivas em relação aos irmãos, que podiam chegar até ao desejo de morte, mas que cederam durante o desenvolvimento. (FREUD, 1922, p.222)

¹⁹ Ibid., p.211

²⁰ PITTMAN, 1994, p. 7

²¹ Psiquiatra americano e terapeuta especialista em infidelidades conjugais e autor de diversos títulos sobre relações afetivas.

²² FREUD, 1922, p. 212

²³ Ibid., P.213

. Os ciúmes, em si, não são enfermos ou sãos, antes, corresponde à constituição do sujeito. Ao largo dos aspectos que acompanham as categorias anteriores de ciúmes apresentadas no estudo de 1922, há, em jogo, um mínimo de três atores, no caso dos ciúmes delirantes, por estar ao lado da inveja. Com a continuação, veremos que a posição do terceiro é ainda mais questionável. O ciumento seria uma espécie de neurótico suscetível a sofrer momentaneamente delírios paranoicos, agravados quando provêm de repressões que encobrem desejos homossexuais interditos e subjetivados.

Convém lembrar que os mecanismos e o funcionamento do aparato psíquico são idênticos em todos os seres humanos; outra coisa distinta é como se produz o processo de enfermidade nos corpos e mentes. Nos ciúmes *delirantes* desejos profundamente rechaçados deram lugar a uma severa repressão. Algo demasiadamente “forte”, para ser admitido pela consciência desses sujeitos, teve que ser severamente dissociando dos desejos. Não é por acaso que os ciúmes *delirantes* costumam se encobrir com o manto da paranoia; uma patologia psicótica que tem presença garantida nas desgraças e na agressividade jamais erradicada das relações familiares. No estudo de 1922, Freud não diz muito sobre o ciúme delirante, apenas algumas linhas incisivas, como deixando os caminhos abertos ao trilhar.

Psicanalista e adepta ao pensamento freudiano, nascida em Viena, Melanie Klein (1882/1960), em sua trajetória, enfatizou a importância fundamental da relação objetal desenvolvida já nas primeiras degustações do seio materno. Em seu título *Inveja e Gratidão*, 1978, a autora chama a atenção para a presença da inveja e do ciúme desde o ninho materno, afetando fundamentalmente as experiências primárias do bebê. Klein, diferencia o ciúme da inveja, considerando a inveja como anterior ao ciúme, distinguindo a inveja dos ciúmes e da voracidade.

Melanie Klein considera que a pulsão de morte consta na base constitucional da inveja. Para ela, a inveja “*parece ser inerente à ganância oral*”²⁴. Inveja implica que poderíamos ter o que queremos, mas que somos negados. Além do desejo de possuir, coabita o desejo de destruir o gozo que o outro que está em posse pode encontrar com o objeto desejado; tal necessidade tende a provocar danos ao próprio objeto. A psicanalista evidencia que o amálgama da pulsão de morte se expressa, com

²⁴ (1978) *inveja e gratidão*

grandiloquência, e, para o séquito do ciumento, é constrangedor e doloroso. *Otelo*²⁵ diz a sua amada: "*Pois logo, logo morrerás. Portanto, confessa e liberta-te desse teu pecado. O teu negar cada item com juramentos não fará desaparecer, tampouco sufocará, o forte propósito de que estou imbuído e que me faz assim padecer. Deves morrer.*"²⁶ Afirma com grande ódio e fervor.

Embora derivando da inveja, o ciúme envolve pelo menos três pessoas; é referível a um amor que o sujeito sente como seu próprio, mas que sempre está prestes a ser levado por um rival. Além de que "*Inquieto como todos os apaixonados, o ciumento dá um passo a mais: tem certeza de que, mais dia, menos dia, se é que já não aconteceu, a pessoa amada o trairá*".²⁷ Muitas vezes, o ciúme existe em uma forma oculta que torna o diagnóstico sutil na abordagem clínica, a exemplo de *Otelo* que mata sua esposa que declarava amar sobre todas as coisas, partindo de rasas suposições. Parece mesmo que a parêntese de um ciumento está mais ou menos isenta de qualquer alibi, coabitando com isso à custa de pequenos arranjos cotidianos.

É factível que, na clínica literária, Marcel Proust (1871-1922) seja considerado um exegeta na temática do ciúme, tão caro a diversas linhas de suas obras.²⁸ Examinando os óbices pontuais na narrativa de *La fin de la jalousie* - "O fim do ciúme", assinala a estreia literária do escritor e é considerada a mais profunda novela da coletânea *Les Plaisirs et les jours* - "Os Prazeres e os Dias" - publicado em 1896. A narrativa contém uma série de elementos que apresentam um aprofundamento do ciúme e se relacionam, analiticamente, com a ótica do ciúme amoroso, focalizado sob o ponto de vista masculino ao invés do feminino.

O desejo de proteção e domínio é expresso na construção linguística da narrativa, fazendo o uso frequente de termos possessivos entre os amantes, somados ao emprego do diminutivo, aliando um paternalismo entre o protagonista e a amante, inscrevendo certa futilidade e infantilidade aos diálogos.

Minha arvorezinha, meu burrico, minha mãe, meu irmão,
minha terra, meu Deuzinho, meu estrangeirinho, minha
florzinha de lótus, minha conchinha, meu querido, minha
plantinha, vá embora, deixe eu me vestir e irei encontrar

²⁵ *Otelo* - o herói shakespeariano arquétipo de ciúmes que intitula a tragédia.

²⁶ SHEKESPEARE, p.122

²⁷ MARCIANE BLEVIS, 2009, p. 15

²⁸ Tema também contemplado em outros títulos proustianos como a célebre obra *Em Busca do Tempo Perdido*.

com você à rua de la Baume às oito horas. Por favor, não chegue após às 8h15 porque estou com muita fome. (PROUST, [1896]2007, p.91)

O ciúme raramente está presente no começo de um relacionamento, já que a fusão no casal deixa pouco espaço para a dúvida. Assim também ocorre com o casal Honoré e Françoise. Desde um cândido início em que os “*olhares se avistaram e cada um tentou fixar nos olhos do outro a ideia de que se amavam; ela ficou um segundo assim, em pé, e caiu numa cadeira sufocando, como se tivesse corrido.*”²⁹ Até a rotina ser estabelecida e todos tomarem seu lugar, impondo um distanciamento normal que pode criar insegurança em um ou outro dos cônjuges:

Honoré atravessava rapidamente a vida havia um ano, apressando-se desde a manhã para a hora da tarde em que iria vê-la. E seus dias na verdade não se constituíam de 12 ou 14 horas distintas, e sim de quatro ou cinco meias horas, de sua espera e de suas lembranças delas. (PROUST, [1896]2009, p.93)

O ciúme exige muito das pessoas acometidas por uma dimensão tamanha que pode se revelar um estorvo, e, por ser embaraçante, a pessoa deixa de fazer coisas do seu cotidiano, alterando os afazeres, e, até mesmo, o curso do pensamento. É o caso de Honoré que passa a perder o sono ocupado em ruminar o seu ciúme, através das lembranças da tristeza que ele enfrentava na infância, em que “*ia deitar-se toda noite às oito horas. Quando sua mãe, em vez de ficar até a meia noite em seu quarto, que era ao lado do de Honoré, para então deitar-se, devia sair por volta das onze e até lá vestir-se.*”³⁰ Honoré recordava que na busca de agradá-lo “*e acalmá-lo, sua mãe, toda arrumada e decotada, às oito horas vinha dar-lhe boa noite e ia para a casa de uma amiga esperar a hora do baile. Só assim, naqueles dias para ele tão tristes em que sua mãe ia ao baile, conseguia, tristonho, mas tranquilo, adormecer.*”³¹ Assim, o decote da mãe surge como componente erótico que assinala para um seio que está ajustado para um ambiente alhures, despertando fantasias de insegurança no menino Honoré. Destarte, “*A vida sexual dos adultos, quando não é eliminada nem exibida e, a fortiori,*

²⁹ PROUST, [1896]2007, p.92

³⁰ Ibid., p.115

³¹ Ibid., p.115

não é posta em prática com ou diante da criança, é, para esta, uma fonte inesgotável de fantasias.”³²

A infância de Honoré é retomada em *flashback* e a relação materna revela, pois, na obra, o cerne dos tormentos do adulto ciumento que Honoré se tornou, tratando da temática do *Complexo de Édipo*, com um ineditismo antecessor à conceituação psicanalítica. No final da narrativa, momento mais crítico do ciumento Honoré, seus pensamentos retornam aos momentos do “beijo de boa noite” da mãe que marcaram sua infância. A obra discute questões que estarão no cerne psicanalítico, como ansiedade de castração e o próprio complexo de Édipo, além da relação do homem mediante a finitude da vida e dos afetos.

É sabido que o mito de *Édipo* é anterior à tragédia sofocliana interpretada por Freud, e, ocorre que o preâmbulo desse mito já está inscrito na narrativa cosmogônica da Antiga Grécia desde *in illo tempore*, a constar na relação entre *Urânio* e *Cronos*, e, posteriormente; entre *Cronos* e *Zeus*³³, destacando a representação do embargo parental desde as bases da cultura. O âmbito freudiano supõe, portanto, a conceituação de ciúme, num circuito dos afetos considerados normais, sem omitir que tanto o ciúme quanto o luto não são nenhuma enfermidade; garantindo que, igualmente ao luto o ciúme pode se tornar patológico, o que implicaria certas condições que propiciariam tais prejuízos.

O ciúme sempre vem da insegurança na pessoa que sente isso, mas muitas vezes projetamos no(s) outro(s) para distrair nossos desejos reprimidos. Nesse cenário, o ciumento “*Honoré, sem estar apaixonado por ela, teria tido grande prazer em possuí-la se estivesse seguro sem que Françoise ficasse sabendo e se magoasse.*”³⁴ Isso remonta aos questionamentos de Honoré sobre a (des)confiança em Françoise promovendo acusações injustificadas, interrogações e necessidade excessiva de ser validado na fidelidade da amante, o que causa um impacto severo no casal num período de médio prazo. Certamente há casais que conseguem permanecer juntos apesar das limitações que se impõem. Por outro lado, eles têm uma sensação de bem-estar? Como eles experimentam o sentimento de insegurança perpétua? Os parceiros se sentem livres para serem eles mesmos? Como apreciam a sensação de estar constantemente sendo

³² MARCIANNE BLEVIS, 2009, p. 145

³³ Na mitologia grega, houve a guerra entre os titãs, liderados por Cronos, contra os deuses olímpicos, liderados por Zeus, que definiria o domínio do universo. Zeus conseguiu vencer Cronos após resgatar seus irmãos depois da Titanomaquia (luta que durou dez anos)

³⁴ PROUST, [1896]2007, p.97

observado? “A carência ou o excesso têm efeitos de invasão, porque é somente na “distância certa” do outro que é possível enfrentar a solidão de cada um diante do mistério da sexualidade³⁵.”

O escopo mais óbvio do texto proustiano em pauta é seguramente seu poder subversivo e sua contribuição para a compreensão da intrigante suspeita do ciúme. Em síntese, uma inclinação que não confia em ninguém - nem no outro tampouco em si mesmo. O ciumento especula as ações do objeto com uma importância extrema em sua vida, Honoré é tomado pelo ciúme de tal maneira que passa a existir em função do seu sentimento, vulnerável a cena de ciúme acaba ocultando esse traço fragilizado ofuscando o extremo ferimento que o habita.

Ocorre uma reviravolta na vida do personagem Honoré, o qual, após sofrer um acidente se torna incapacitado e vira objeto de piedade de sua amada, mediante os dias contados para a chegada de sua morte. Ele conclui que “*piedade não é amor e muito menos desejo*”. A vida torna-se, para Honoré, uma verdadeira agonia. Nesse cenário, mesmo com a chama da vida arrefecendo pelas consequências de um trágico acidente. Honoré de Tenvres segue temendo ser roubado por outro do posto central que ocupa no coração da bela Françoise. A força da obra reside no luxo de detalhes e descrições...

E ele sentia afastar-se o véu que esconde de nós a vida, a morte que está em nós, e percebia a coisa assombrosa que é respirar, viver. Em seguida viu chegar o momento em que ela seria consolada, então, quem seria? E seu ciúme apavorou-se com a incerteza do acontecimento e com a sua necessidade. (PROUST, [1896]2007, p.114)

Pessoas que caem nesses espirais obsessivos de suspeita e desconfiança de seus cônjuges, sem qualquer razão válida, geralmente sofrem dessa síndrome. Portanto, sua única preocupação no relacionamento será a busca de provas de maneira meticulosa e obsessiva que condenará o par, verificando os pertences e submetendo continuamente o parceiro a interrogatórios sobre a rotina.

³⁵ BLEVIS, 2009, p. 153

Referências

BLÉVIS, Marcianne. **O ciúme- delícias e tormentos**. Tradução Vera Ribeiro-
São Paulo: Martins, 2009.- (coleção psicologia).

CERQUEIRA FILHO, Gisálio. **Autoritarismo afetivo: a Prússia como sentimento**. Editora escuta, 2005.

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**, 1917 [1915]. In: _____. A história do movimento psicanalítico. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 243-263. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

FREUD, S. (2011b) **Sobre alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e na homossexualidade**, In (Paulo César de Souza, Trad.), Obras Completas. (Vol. 15, pp. 209-224). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1922).

KLEIN, Melanie. **Inveja e gratidão**, [1957]. In: Inveja e gratidão e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

PITTMAN, Frank. **Mentiras privadas: A infidelidade e a traição da intimidade**, trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. – Porto Alegre : Artes Médicas, 1994.

PLATÃO. **Banquete**. Trad. José Cavalcante de Souza. São Paulo: Editora Nova Cultural. Ed. 5. 1991.

PROUST, Marcel. **O Fim do Ciúme e Outros Contos**. Editora: Hedra, 2007.

SHAKESPEARE, William, **Otelo**; tradução de Beatriz Viégas-Faria. Porto Alegre: L&PM, 2012.